

**Julio Corcino Rodrigues Mota Junior**

**Convergência Bimodal da Educação: o que se tem estudado no âmbito do  
ensino híbrido e da EAD**

**CURITIBA  
2018**

**JULIO CORCINO RODRIGUES MOTA JUNIOR**

**Convergência Bimodal da Educação: o que se tem estudado no âmbito do ensino híbrido e da EAD**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de licenciatura no curso de graduação em Pedagogia, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Nuria Vilardell Pons Camas

**CURITIBA**

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Nesta jornada repleta de desafios, conquistas e experiências agradeço ao Julio Corcino, meu pai, Antonia Liliane, minha mãe e Juliane Lima, minha irmã por serem a minha base de apoio emocional e social, sou grato em saber que posso contar com vocês.

Aos Prof<sup>o</sup>. Josafá Cunha, Prof<sup>a</sup>. Samara Mendes, Prof<sup>a</sup>. Luciana Pinheiro e Prof<sup>o</sup>. Ubirajara, agradeço pelas orientações e conselhos dados, que fomentaram minha formação durante esses quatro anos no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná.

A Prof<sup>a</sup>. Nuria Pons Vilardell Camas, pela dedicação, atenção, paciência e carinho, durante este ano de orientação do meu projeto Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus amigos Iorge Soares, Karyn Elizabetn e Marjorie Dambiski, pelo companheirismo, fidelidade, confiança e amizade que construímos durante a minha jornada pela Universidade, e que agora será para a vida.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa o aprofundamento na discussão teórica referente a convergência bimodal da educação, tendo como base de análise, as modalidades Educação a Distância (EaD) e Híbrida, trazendo seus aspectos educacionais, como autonomia, processo de ensino-aprendizagem na relação educando e educador, e o contexto histórico e contemporâneo das modalidades na educação pública brasileira. Traz como questão norteadora: Quais são os aspectos da convergência bimodal que abrangem as modalidades educacionais EaD e o Ensino Híbrido no contexto brasileiro? Tem como objetivo Geral analisar os principais autores que abordam a EaD e a Educação Híbrida desenvolvidas nos últimos anos, de modo a refletir as possibilidades da convergência bimodal da educação. Utilizou-se de uma abordagem qualitativa, para que assim fosse construído a revisão de literatura, usando os bancos de dados Capes periódicos, Scielo Br e Google Acadêmico, no qual foram coletados trabalhos acadêmicos, como artigos, dissertações, teses e anais de eventos, que focavam nas tecnologias para o ensino presencial, bimodalidade educacional, EaD e Ensino Híbrido, em conjunto com a legislação específica das modalidades. Construíram-se as seções mostrando a formação da Educação Bimodal no Brasil. Conclui-se que para o ensino bimodal ocorrer nos objetivos de um ensino público, gratuito e de qualidade, é necessário a participação ativa de todos os envolvidos e que a aprendizagem seja planejada centrando-se no educando, pois o desenvolvimento da autonomia é gradativo e ocorre durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chaves: Autonomia; Ensino Bimodal; EaD; Ensino Híbrido e Tecnologias.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - AS GERAÇÕES TECNOLÓGICAS	18
FIGURA 2 - A EAD NO CONTEXTO BRASILEIRO	23
FIGURA 3 – A GESTÃO DO ENSINO HÍBRIDO	27
FIGURA 4 – MODELOS DE ENSINO HÍBRIDO	31
FIGURA 5 – LABORATÓRIO ROTACIONAL	33
FIGURA 6 – ROTAÇÃO INDIVIDUAL	34
FIGURA 7 – SALA DE AULA INVERTIDA	35
FIGURA 8 – MODELO FLEX	35
FIGURA 9 – MODELO VIRTUAL ENRIQUECIDO	37
FIGURA 10 - EDMODO	42
FIGURA 11 - MOODLE	42
FIGURA 12 – AMBIENTE AVA	43

## LISTA DE ABREVIATURAS

AVA	Ambiente virtual de aprendizagem
EAD	Educação a Distância
IES	Instituição de Ensino Superior
IF	Instituto Federal
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
NTIC	Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
SAI	Sala de aula invertida
TD	Tecnologias Digitais
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO	9
1.2 OBJETIVO GERAL	9
1.2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
1.3 JUSTIFICATIVA	10
2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	11
2.1 REVISÃO DA LITERATURA: O MÉTODO ADOTADO	12
2.2 COLETA DE DADOS	13
3 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL	15
3.1 A CONJUNTURA DA EAD NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	19
4. O ENSINO HÍBRIDO	25
4.1 ENSINO HÍBRIDO	25
4.2 A PRÁTICA DO ENSINO HÍBRIDO NO CONTEXTO BRASILEIRO	29
4.3 OS MODOS DE SE TRABALHAR COM ENSINO HÍBRIDO	31
5. A CONVERGÊNCIA BIMODAL NA EAD E NO ENSINO HÍBRIDO	38
5.1 A AUTONOMIA POR PARTE DO EDUCANDO	39
5.2 A IDEALIZAÇÃO DA EAD E DO ENSINO HÍBRIDO DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS	44
5.3 A BIMODALIDADE COMO OPÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC), tem a intenção de problematizar a questão relacionada à Convergência Bimodal na Educação Pública Brasileira, analisando duas modalidades, a Educação a Distância (EaD) e o Ensino Híbrido.

Quando compreendemos tecnologia e educação básica e superior, imaginamos um ambiente no qual o educando terá suporte às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), no seu aprendizado de modo acessível, e que o educador fará o papel de mediador, estimulando os sujeitos.

O ensino que possui em seu projeto educacional, a EaD, precisa estar preparada para trabalhar com as tecnologias digitais (TD) e analógicas, dando o apoio e suporte ao educador, oferecendo estrutura adequada para o ensino, um ambiente a distância, funcional, estimulante e prático, e também uma equipe especializada para auxiliar nas atividades.

A Educação a Distância e o Ensino Híbrido, são modalidades que existem faz anos no Brasil, e foram uma das responsáveis pela interiorização do ensino público (CASSUNDÉ; MENDONÇA; BARBOSA, 2017), levando, principalmente, as universidades e os institutos federais a aqueles que não tinham acesso à educação.

Por isso, compreende-se que tais modalidades são uma forma de acesso igualitário a uma parcela da sociedade, para os sujeitos de todas as regiões do Brasil. Entretanto, precisa-se atentar às especificidades de cada espaço geográfico e dos educandos, pois um método adotado em um determinado local, poderá não ter o mesmo êxito em outra localidade.

O foco no educando vem com esta finalidade, a de criar um processo de ensino-aprendizagem voltado para ele, preocupando-se com a motivação e dedicação, dando a liberdade e auxílio para construir seu modo de estudar e de aprender.

Por isso torna-se necessário, principalmente na atualidade, em que se cogita a possibilidade do uso da EaD, como modalidade de educação em todos níveis de ensino público, entendermos e questionarmos as possibilidades e uso dos métodos que envolvem a EaD e o Ensino Híbrido, entendido pela bimodalidade.

Por bimodalidade temos que é o ensino que se utiliza das características educacionais, das modalidades a distância e presencial, ocasionando um método de

ensino-aprendizagem próprio Scherer (2016).

## 1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Para entendermos o processo de bimodalidade na educação, é preciso nortear o caminho que iremos trilhar nesta pesquisa. Para isso foi elaborada uma pergunta norteadora, definida como: o que se estudou sobre a convergência bimodal, abrangendo a Educação a Distância e o Ensino Híbrido no contexto brasileiro?

Com base na revisão das publicações encontradas, pretendemos responder:

Quais são os aspectos da convergência bimodal que abrangem as modalidades educacionais EaD e o Ensino Híbrido no contexto brasileiro?

Visando a compreensão destas duas modalidades para a educação pública brasileira, traçaram-se os objetivos deste trabalho, como se explicará no próximo subtópico.

## 1.2 OBJETIVO GERAL

De modo a tentarmos responder a questão proposta traçamos como curricular:

- Analisar os principais autores que abordam a EaD e a Educação Híbrida desenvolvidas nos últimos anos, de modo a refletir as possibilidades da convergência bimodal da educação.

### 1.2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Demonstrar como ocorreu o desenvolvimento destas modalidades no ensino público brasileiro até os dias atuais;
- Verificar como e quais são os mecanismos para os sujeitos que estão inseridos nestas modalidades, possam interagir entre si, seja ele educando, educador, tutor, coordenador, técnico de laboratório, técnico de informação.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

A motivação de discutir a Educação Bimodal, vem da necessidade de compreendermos as novas transformações que estão ocorrendo no processo de ensino-aprendizagem, principalmente nas modalidades EaD e Híbrida na literatura acadêmica. Por serem dois modelos educacionais consolidados no país, e que sofrem por transformações constantes, como reestruturação das infraestruturas, avanços das tecnologias e políticas educacionais.

Entender o processo de ensino-aprendizagem, a relação dos sujeitos envolvidos, e a suas formas de interagir estando em espaços físicos distintos, seja na EaD ou no Ensino Híbrido, traz à tona o questionamento de como estão se mantendo num cenário, do qual os cortes de recursos para educação, afetam tanto a presencial quanto a EaD.

É preciso entender, como estamos lidando com a Educação Bimodal no país, e como ela vem se desenvolvendo nas modalidades híbridas e a distância.

Outro ponto de extrema relevância e entendemos, por meio de aprofundamento teórico, o que é o EaD, Educação Híbrida e a bimodal, pois no percorrer de 4 anos de estudo em Pedagogia, não houve nenhum aprofundamento no tema.

Portanto, por jamais nenhuma disciplina ter tratado do assunto na minha formação profissional, sinto a necessidade de entender o mínimo para poder enfrentar a minha profissão que se deparará com esta temática em algum momento e não poderei ser fútil ou superficial por causa de falha curricular.

## 2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, tem a intencionalidade de trazer a discussão referente a Educação Bimodal, para isso a estrutura deste trabalho ocorreu tendo como base de referência, para construção de uma abordagem qualitativa, as concepções definidas por Ludke, 1986, p. 25.

Num trabalho qualitativo é preciso definir “o foco da investigação e sua configuração espaço-temporal, ficam mais ou menos evidentes quais aspectos do problema serão cobertos pela observação e qual a melhor forma de captá-los” (LUDKE, 1986, p. 25), por isso delimitou-se a temática da Educação Bimodal, em uma análise bibliográfica sobre a EaD e o ensino híbrido no Brasil.

Durante a preparação deste trabalho, optou-se por utilizar duas reflexões, a analítica que “refere-se ao que está sendo “aprendido” no estudo (LUDKE, 1986, p. 31), e a metodológica “envolvendo os procedimentos e estratégias metodológicas utilizados” (LUDKE, 1986, p. 31), por serem uma forma de abordar a teoria, levantando os pontos de como foi construída e estudada.

Em Severino (1996) e Salomon (1999) temos que um trabalho monográfico deve ser o aprofundar-se em algo que, devido a formatação da grade curricular, não foi substancialmente entendido pelo discente. Para Salomon (1999), a monografia de final de curso “implica muito mais uma atividade de extração do que de produção de conhecimento. Extração não significa mera compilação ou transcrição de texto, sem análise, sem crítica, sem reflexão” (SALOMON, 1999, p. 259). Tal perspectiva nos faz entender que o aprofundar-se teórico do aluno pode ser por meio de seu TCC. Neste olhar, desenvolvemos o entendimento da “atividade de leitura-estudo, análise de texto, crítica e discussão de ideias (...) e nas habilidades de síntese e comunicação.” (idem, 1999, p. 259).

Escolhemos como método a análise documental (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38). Posto que, a análise se insere na abordagem qualitativa que segundo as autoras (LUDKE, ANDRÉ, idem) satisfaz a pesquisa qualitativa “de abordagem de dados qualitativos”, com a intenção de “desvelar aspectos novos de um tema ou problema” (idem, ibidem). As autoras entendem que documentos são todos os materiais escritos que imprimam fontes de informação (idem, p. 38).

Concordamos com a interpretação de Ferreira (2016, p.15) que um trabalho que analisa os dados coletados, interpretando e concebendo pode ser considerado como uma técnica exploratória (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39):

que complementa o aprofundamento de um estudo inicial acerca de um tema e é indicado para monografias de estudantes de graduação em seus trabalhos finais de curso, pois tratam do aprofundar-se, sistematizar e amadurecer o olhar teórico que nem sempre é visto na graduação (SEVERINO, 1996; SALOMON, 1999).(FERREIRA, 2016, p. 15)

Conforme Ludke e André (1986) a intenção de utilizar a análise documental advém de poder “se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.45) em qualquer trabalho tido como científico.

Estas reflexões foram relevantes, para o procedimento da pesquisa, pois a próxima etapa foi a construção da análise documental, onde são incluídos “desde leis a regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programa [...]” (LUDKE, 1986, p. 38), e artigos acadêmicos, para que assim a problematização sobre a Bimodalidade abrangem-se todos os campos da educação.

Estes documentos, leis, artigos, trabalhos acadêmicos, compõem a abordagem deste estudo, e que se complementam a cada parágrafo, visando a problematização no campo da Educação Bimodal no ensino público brasileiro, e compreendo que:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto (LUDKE, 1986, p. 39).

Por isso, saliento a relevância de transpor as concepções dos autores, com a legislação vigente, pois assim conseguimos compreender a situação macro educacional, que as modalidades Híbrida e a Distância vivenciam no Brasil.

## 2.1 REVISÃO DA LITERATURA: O MÉTODO ADOTADO

Para a composição deste trabalho, optou-se por realizar uma revisão

bibliográfica, que abordasse a temática, da convergência bimodal na educação, tendo como objeto de análise, à Educação a Distância e o Ensino Híbrido, que serão discutidos e conceituados nas próximas seções.

Focou-se nos aspectos da educação pública brasileira, pois acredita-se ser deveras difícil a permissão de pesquisa em instituições privadas. Por isso, da coleta até a seleção de dados, o foco foi por trabalhos de autores que transcrevem as questões da educação brasileira e bimodalidade, de forma clara, objetiva, focando a experiência em sala de aula.

Em conjunto com trabalhos acadêmicos, este escrito pautou-se na legislação vigente referente à EaD e as tecnologias na educação, buscando um complemento, que viesse suprir as lacunas do porque ser primordial investir e desenvolver o bimodal na educação.

Seguindo a padronização da construção de uma revisão acadêmica, do qual se baseou na concepção de Vosgerau e Romanowski (2014), em que optou por uma revisão de literatura, por ser o modelo adequado, quando se busca trabalhar com uma abordagem qualitativa, documental, focando nas problematizações de diversos autores, da temática escolhida.

Para isso ocorrer é preciso fazer um levantamento bibliográfico, em que são levantados nos bancos de dados, trabalhos em diversos formatos (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014), como foi o caso deste estudo, que se baseou em artigos, leis e outros documentos pertinentes à problematização.

E por isso “nesse tipo de produção, o material coletado pelo levantamento bibliográfico é organizado por procedência, ou seja, fontes científicas (artigos, teses, dissertações) e fontes de divulgação de ideias” (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p. 170), para que a estruturação esteja de acordo com os objetivos do trabalho.

Uma revisão de literatura aborda os conceitos de todos os autores selecionados, e estrutura a problematização da temática, de forma a trazer ao leitor, uma concepção completa daquilo que foi trabalhado.

## 2.2 COLETA DE DADOS

Para a realização de coleta, foram selecionados três banco de dados, que possuem periódicos de pesquisadores brasileiros: Google acadêmico, Scielo Br e Capes periódicos. O período definido para esta coleta, foi de três anos 2016, 2017 e

2018, por considerar a importância de uma pesquisa voltada naquilo de mais inovador, em termos de educação bimodal, e também partindo do pressuposto que estes autores estão contemplando em seus escritos, a bagagem acadêmica feita em anos anteriores.

As palavras-chaves definidas para realizar a busca desses trabalhos foram selecionadas a partir da temática abordada, portanto, a busca inicial nas bases de dados se deu pelos vocábulos derivados de tecnologias e bimodalidade na educação: Tecnologia educacional, EaD, Ensino Híbrido.

### 3 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL

Quando se concebe a EaD na Educação pública brasileira, devemos compreender toda sua evolução, durante as décadas, pois esta modalidade encontra-se inserida no sistema educacional, antes do acesso da comunicação feita pela internet, ela “é marcada por uma trajetória de sucessos, não obstante a existência de alguns momentos de estagnação, provocados por ausência de políticas públicas para o setor” Alves (2007, p. 1).

Um dos principais disseminadores foi o rádio, sendo a principal ferramenta educacional durante as primeiras décadas do século XX, no Brasil, e que foi possível graças, aos esforço do poder público, mesmo que com uma certa precariedade, em levar informações para regiões afastadas dos grandes centros urbanos, segundo Alves (2007), e salienta-se que “o rádio foi uma importante ferramenta na difusão dessa modalidade de ensino” (COSTA, 2012. p. 3).

A televisão (TV) também contribuiu neste processo e para seus “fins educacionais foi usada de forma positiva na fase inicial, sendo que vários incentivos aconteceram no Brasil, especialmente nos anos 60 e 70” (ALVES, 2007, p. 3), foi considerado um forte aliado na disseminação de conteúdos a distância.

Após o rádio e a TV se consolidarem na EaD, os computadores chegam “no campo da educação, através das universidades, que instalaram as primeiras máquinas na década de 70” (ALVES, 2007, p. 4), somente depois de muito chegaram as residências de muitos brasileiros.

O rádio, a TV, os computadores e as demais ferramentas tecnológicas, foram e são um dos pilares do desenvolvimento da EaD no Brasil, e que possibilitam:

a autoaprendizagem, como a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação”. Importante frisar que o conceito de EAD como a própria EAD, vem sofrendo alterações à medida que novas teorias, novas mídias, novos métodos de ensino estão sendo desenvolvidos. (COSTA, 2012, p. 2).

No processo histórico educacional do ensino público brasileiro, uma modalidade vem sendo consolidada durante os anos: a EaD. As características de um curso a distância (EaD) se resumem em o aluno e o professor não se encontrarem no mesmo espaço físico e temporal. Tampouco há a rigidez de uma

horário fixo para os estudos. No que tange à Educação, pode-se dizer que a aprendizagem deve ser entendida como um processo individualizado, respeitando o ritmo e a capacidade dos alunos. A atual EaD, feita por meio de plataformas virtuais, também chamadas de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), traz os conteúdos programáticos disponibilizados nestes ambientes, assim como as possibilidades de comunicação, chamada de interações entre alunos, professores e tutores.

Os programas de rádio e as correspondências, distribuídas pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, foram alguns dos formatos, que permitiram a manutenção da EaD no Brasil, o que possibilitou o acesso rápido, prático e acessível, para aqueles que se encontravam longe dos grandes centros urbanos, ou que por questões profissionais, não poderiam acompanhar a rotina exigida de um curso presencial.

Quando pensamos na EaD, imaginamos um cenário onde o trabalho é feito com uso das tecnologias, e que os educandos se encontram fisicamente separados dos educadores, entretanto, este cenário só é possível, graças aos profissionais que atuam nesta modalidade, que variam desde dos tutores, técnicos de informação, educadores e coordenadores”.

A EaD, sofreu várias mudanças de formatação, do impresso ao virtual, também denominada a distância. Entretanto, tem como conceito primeiro ser completa aqui

A EaD, atualmente, é concebida pelo MEC, por meio do que lhe confere confere o art. 84, incisos IV e VI, alínea a, da Constituição, e tendo em vista o que dispõem os arts. 8o, § 1o, e 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

Art.10.: Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (DECRETO 5622/05 | Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005).

Neste sentido, entende-se que para que ocorra esta modalidade de ensino, atualmente, são previstos os meios tecnológicos, e por sua vez, para além de professores e alunos, também são previstos profissionais multidisciplinares no âmbito de dar condições para que a EaD possa ocorrer.

Por possuir características próprias, relacionadas ao perfil do educando, os profissionais que nela se encontram precisam lidar com suas especificidades, sejam eles tutores, coordenadores de curso, técnicos de informáticos, que irão de forma colaborativa, visar o melhor proveito do trabalho neste ambiente.

Estes deveriam trabalhar para a “adaptação a realidade dos alunos” (BIELSCHOWSKY, 2018, p. 4), entendendo como sujeitos ativos, que precisam desenvolver suas habilidades no que se tange a autonomia, criticidade, aprendizagem e conhecimento. Para todo esse processo de desenvolvimento ocorrer de forma mais harmoniosa é necessário que todos os atores estejam engajados e comprometidos.

Quando citamos o termo “atores” para a EaD, compreendemos como sujeitos ativos que participam diretamente de todo o sistema que esta modalidade trabalha, que são os coordenadores, tutores, educadores e educandos.

Os tutores são responsáveis pela aplicação de atividades e o acompanhamento do educando, já os educadores, além de ministrarem as aulas, desenvolvem o material pedagógico utilizado na disciplina, as atividades a serem realizadas e as avaliações.

O coordenador, como explica Cassundé, Mendonça e Barbosa (2017), fará todo o gerenciamento pedagógico durante o decorrer do curso, acompanhando todo os profissionais para que haja um trabalho de qualidade e integram o ensino-aprendizagem com os recursos tecnológicos, de forma benéfica ao aluno. Para isso é necessário um:

consenso entre docentes e gestores de que é preciso avançar nessa modalidade de ensino para além de práticas isoladas, percebe-se ainda, em muitas delas, a falta de uma abordagem de mudança da gestão universitária para a integração das TIC ao processo de ensino-aprendizagem da EAD (CASSUNDÉ; MENDONÇA; BARBOSA, 2017, p. 471).

Tanto o educador quanto o coordenador de curso precisam entender que “educação não é somente ensinar, mas também contribuir para que o educando possa ter autonomia em seu aprendizado” (CRUZ; ARXER; BIZELLI, 2016, p. 2), pois todo o processo histórico em que a EaD se deu pela concepção de uma modalidade, que instiga a autonomia, dos seus educandos, propiciando construir seus próprios métodos de aprendizagem, e caminhos para realizar as atividades.

Um dos espaços que a autonomia ganha lugar de destaque nas discussões teóricas são das IES, no qual “Ead ganha espaço no nível superior, sendo uma nova forma de renovar o sistema educacional” (PIMENTA, 2017, p. 309), pois possibilitou que determinados grupos sociais, que antes não tinham acesso às faculdades, pudessem adentrar em cursos como pedagogia, administração pública, e demais licenciaturas, conquistando assim suas autonomias de vida.

Entretanto, não é só de autonomia profissional e institucionalização que a EaD, no ensino público, foi moldada. Pois falar da história desta modalidade, sem citar as tecnologias, seria uma enorme negligência. Um dos pilares de sua existência nestas últimas décadas, são as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), que mesmo não sendo ferramentas de cunho pedagógico, e sim de funcionamento operacional, elas tiveram e têm a devida relevância no processo de expansão por todo o território nacional.

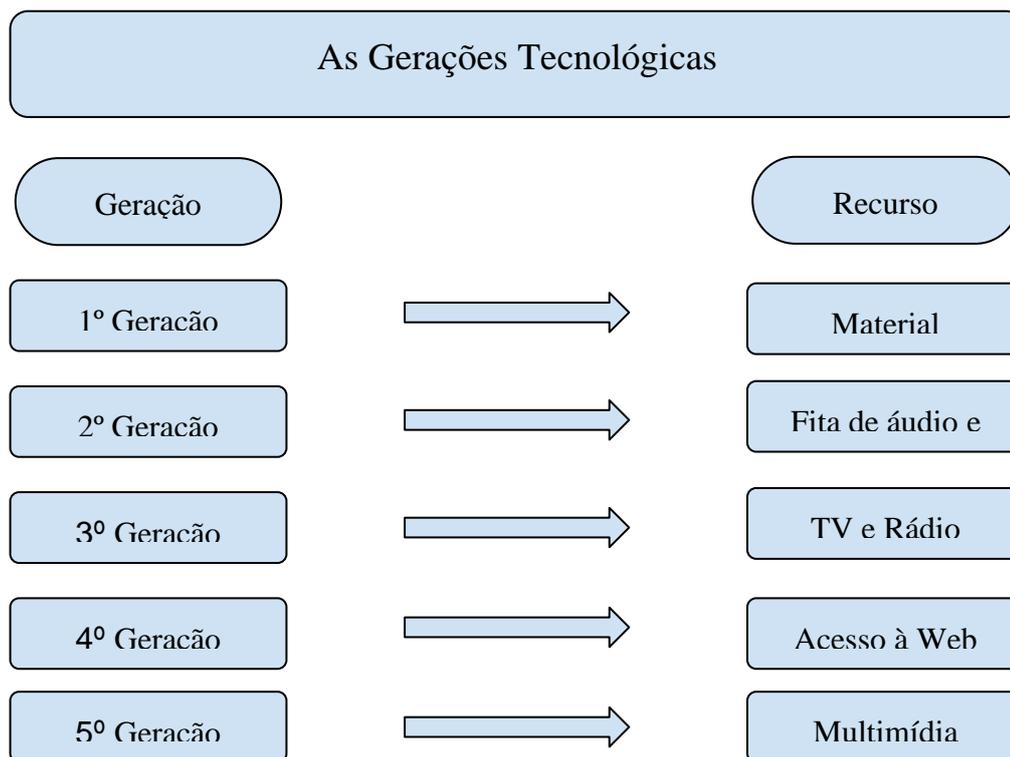
As TIC segundo Cruz, Arxer e Bizelli (2016) e Pimenta (2017), são fatores que permitiram o desenvolvimento da EaD no decorrer da história da educação no ensino público, no qual as ferramentas tecnológicas são reformuladas dependendo das necessidades o qual a sociedade precisa.

EaD ainda aparece como fenômeno privilegiado e crescente - mais presente na educação de adultos e níveis superiores - que mescla processos de inovação tecnológica, massificação educacional e digital e mudanças radicais de paradigmas institucionais e de sociabilidades. Hoje temos diversas instituições pelo mundo a praticar EaD em diversos níveis e modos. (PIMENTA, 2017, p. 313).

Utilizando-se de rádios, computadores, smartphones, TV e celular “as tic foram fundamentais na criação de modalidades a distância (CAMILLO, 2017, p. 64), pois possibilitaram saciar as necessidades, e aprimorar as ferramentas que são utilizadas no processo de ensino e aprendizagem.

Para Rothstein e Santos (2017) a sociedade já passou por 4 gerações tecnológicas e encontra-se na sua quinta, no qual recursos, modelos de aprendizagem e a forma de disseminação, estão sempre em desenvolvimento contínuo.

FIGURA 1 - AS GERAÇÕES TECNOLÓGICAS



FONTE: Rothstein e Santos (2017)

Entendendo que a EaD passou por todas estas gerações tecnológicas para chegar até a quinta, na qual nos encontramos, com a utilização de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), com acesso à Web, de forma que nestes AVA se disponibilizam conteúdos, e, via de regra, a possibilidade do fazer virtual, por meio de fóruns de comunicação e atividades realizadas no AVA escolhido pela Instituição de Ensino Superior (IES).

É importante ressaltar que a “quinta geração tem como modelo as tecnologias web, possuindo recursos como multimídia interativa on-line acesso web, comunicação mediada por computador, tendo uma aprendizagem mais flexível, inteligente e autônoma” (ROTHSTEIN e Santos, 2017, p. 11).

### 3.1 A CONJUNTURA DA EAD NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A EaD, como modalidade educacional, encontra-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n. 9394/96), do qual foi definida através do Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005 e revogada pelo Decreto N° 9.057/2017 que define que cada Instituição de ensino, credenciada pelo MEC, terá autonomia para criar polos de ensino a distância. A mudança se dá pelo fato que era preciso pedir autorização ao Governo Federal (MEC) a autorização e institui-se um

processo que levava, em média, dois anos para a abertura regulamentada de um curso em EAD.

Também muda o credenciamento e recredenciamento da IES, que retira os polos como campo de vistoria e institui apenas as sedes das Universidades como responsáveis, pela vistoria, análise e homologação do processo de credenciamento, como também as regras e o controle de qualidade destes polos definidos por portaria e não comum a todas as IES. Abre a possibilidade das IES que não tem cursos de graduação poderem abrir cursos de pós-graduação EaD.

Outra importante observação quanto ao Decreto 9057/2017 são as regras sobre EaD na Educação Básica, especificamente quanto ao Ensino Fundamental, que no mesmo dia de publicação, o MEC informou que houve "erro de redação" em artigo que tratava do Ensino Fundamental. Com isso, perdeu-se a validade o trecho que trazia a oferta de EAD, em caso de falta de disciplinas obrigatórias para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

No Artigo 9º do Decreto prever a "A oferta de ensino fundamental na modalidade à distância em situações emergenciais" (BRASIL, 2017), focando em casos que o educando, esteja no exterior, privado de sua liberdade, por questões de saúde, ou por outros fatores que o impedem de acompanhar as atividades escolares presencialmente.

Ao buscarmos entender estas mudanças, encontramos os dados tabulados pela consultoria Hoper, em 2018, identificando que em 2003 a EaD correspondia a 1,3% das matrículas em cursos de graduação em instituições públicas e privadas. Em 2015 saltou para 20,8%, ou seja, de 49 mil alunos para 1,3 milhão. Segundo a Coordenação do CEAD/UFU (2017, s.p.) "O crescimento é mais do que o dobro do verificado nos cursos presenciais".

Convém lembrar que a meta do Plano Nacional de Educação (PNE) previa "que, até 2024, 33% dos jovens entre 18 e 24 anos estejam matriculados no Ensino Superior. Hoje o percentual não chega a 18%." (CEAD/UFU, 2017). Portanto, cabe entender também que com as Políticas Públicas que sucateiam a Educação nos últimos anos,

o ensino a distância aparece como a principal política por conta das mensalidades mais baixas do que no modelo presencial e o afrouxamento das regras por parte do Governo Federal pode impactar diretamente aí, pois "este é também um grave problema", afirma o Prof. Marcelo Marques, em muitos casos "mensalidades mais baixas sinalizam para precariedade na oferta dos cursos e também baixa qualidade, estratégia daqueles que

querem encher os bolsos e apenas isso” (CEAD/UFU, 2017).

Contando com torna-se condição *sine qua non* o compromisso de todos os envolvidos no EaD, que além serem profissionais com uma formação especializada, deverão compreender seu papel social e educacional, nos espaços que irão atuar, para que assim seja construído um trabalho que tenha o educando como protagonista de todo processo.

Entretanto, o profissional nem sempre consegue exercer sua atividade, com o mínimo de qualidade se não tiver a orientação de um coordenador ativo e participativo, que será o “articulador do processo formativo, pois, tem uma visão ampliada do curso, de seu projeto pedagógico, de sua matriz curricular, das ações planejadas para sua consecução” (ALMEIDA, 2016, p. 46), dando os recursos para que haja a construção de disciplinas, que estimulam o educando na sua busca pelo conhecimento.

É de suma relevância para a equipe pedagógica e de docência entenderem que “na EAD, é inconcebível aulas mal preparadas e atividades sem objetivos de aprendizagem” (ALMEIDA, 2016, p. 46), devido a realidade de como estão encontradas, pois a simples dificuldade de se compreender o que se pede no exercício, impossibilitaria o êxito na execução de tal avaliação.

Entretanto, o professor e o coordenador deverão responder às instâncias superiores, da instituição na qual está inserido o curso, independente que seja institucionalizado ou convênio com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da Universidade Aberta do Brasil (UAB), para que as práticas adotadas sejam de acordo com a legislação e as normativas internas da IES, visando a manutenção da estrutura que ali se encontra.

É necessário explicitar, que apesar de EaD se destacar no ensino superior (PIMENTA, 2017), no qual grande parte da produção acadêmica, seminários e congressos nessa temática, é voltada para esta etapa. Existem cursos técnicos a distância, que são ofertados pelos Institutos Federais (IF), que contam com direções ou setores específicos para EaD, fomentando a criação e manutenção de cursos técnicos em regiões remotas do Brasil, criando uma mão de obra especializada e que se deseja de qualidade, que terá uma base teórica e prática, para atuar no mercado de trabalho, ou se preferir, ingressar num curso de nível superior, com um certo grau de instrução.

Como citado no parágrafo anterior, um dos motivos para o crescimento e

surgimento de cursos a distância, vem da necessidade da interiorização do ensino superior pelo Brasil, conforme afirmam Formiga et al. (2017) e Cassundé, Mendonça e Barbosa (2017), sendo construído polos por diversos estados, que em sua maioria tem como mantenedora as secretarias de educação municipais, estaduais, ou a própria universidade, alcançando um público, que anteriormente não tinha este acesso, aos espaços públicos de ensino.

A interiorização da EaD é uma política educacional, que visa fornecer uma educação pública, gratuita e de qualidade, em regiões que carecem de Universidade Federais e Estaduais, fornecendo o acesso ao um público, que não tinha as mesmas oportunidades de formação superior, que os grandes centros urbanos. Para que toda essa ação tivesse êxito da sua idealização até a finalização, foram construídos polos de apoio, no qual seriam responsáveis pelas atividades pedagógicas.

Como explicitamos nesta seção, um dos atores de maior relevância são os educandos, pois não haveria motivos de existir polos, cursos a distância ou até presenciais, se não houver demanda, que nesse caso seriam pessoas interessadas em graduações ou pós-graduação nos cursos que são ofertados. Como Cassundé, Mendonça e Barbosa (2017) explicitam, esses sujeitos variam de região para região, trazendo uma enorme diversidade, que agrega na construção de uma educação pública a distância, por requerer um trabalho específico para cada recorte geográfico, econômico e/ou cultural, que este país carrega.

Muitos desses educandos, já estão inseridos na educação (Formiga et al, 2017), pois são educadores da educação básica, e precisam ser licenciados na sua área de atuação, por isso pensar na EaD brasileira, é entender como uma modalidade educacional que venha a ter mais espaço de desenvolvimento de futuros profissionais preparados para lidar com a realidade dos ambientes escolares.

E com mesma percepção que temos do educando, devemos ter com aquele que fará a estimulação da sua formação, que seria o educador, que como Camillo (2017) disserta, deverá estar preparado para atuar em contexto, estando sempre alerta para a resolução de problemas em conjunto com o tutor e coordenador (ALMEIDA, 2016).

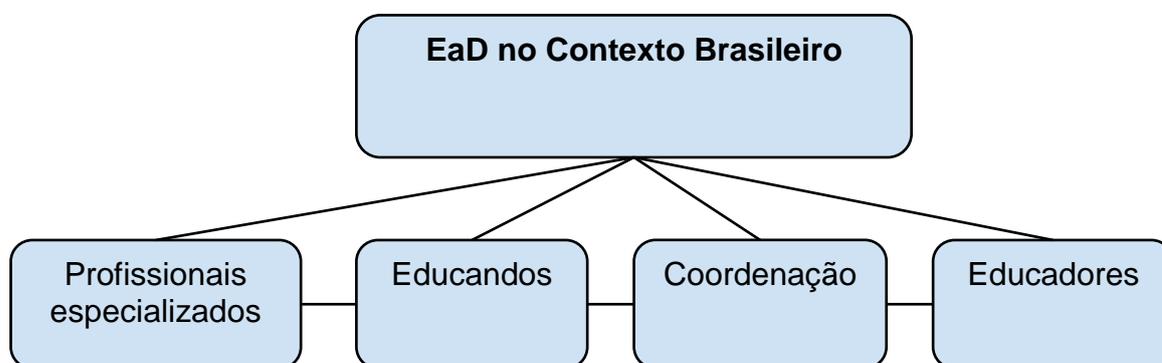
Na EAD, como já mencionado anteriormente, é inconcebível aulas mal preparadas e atividades sem objetivos de aprendizagem (ALMEIDA, 2016, p.46), devido à questão de haver algum erro de interpretação, ocorrerá uma dificuldade na resolução dos exercícios, prejudicando a aprendizagem do educando, e colocando

em cheque a qualidade dos profissionais que atuam no curso.

Menezes, Nunes e Chagas (2016) afirmam que os esforços devem se voltar a melhoria desse modelo, que envolva o suporte para todos os profissionais, entendendo a relevância das tecnologias para esse ambiente de ensino-aprendizagem, e trabalhando para a mediação do pedagógico com o tecnológico.

No entanto, os esforços do MEC têm sido no sentido não só de potencializar esta modalidade de ensino, mas também de coibir a precarização desse modelo, nas suas variadas formas, de modo a assegurar a qualidade nos processos da EaD, especificados nos Referenciais de Qualidade. (MENEZES; NUNES; CHAGAS, 2016, p.13).

FIGURA 2 - A EAD NO CONTEXTO BRASILEIRO



FONTE: Almeida (2016) e Cassundé, Mendonça, e Barbosa. (2017)

Conforme a figura 2, podemos interpretar a EaD no contexto, como uma ligação entre 4 atores: educandos, coordenadores, educadores e os profissionais especializados (designs, TI, entre outros).

Não podemos finalizar essa análise sem a contextualização da EaD, sem citarmos um de seus maiores fatores de existência, que são as TIC, já que só foi possível toda a disseminação graças às tecnologias e “que as potencialidades são viabilizadas com apoio das TIC, inúmeras atividades têm sido permitidas com a EAD, impactando, sobremaneira, tanto as instituições de ensino superior quanto a docência” (CASSUNDÉ; MENDONÇA; BARBOSA, 2017, p. 470).

A forma de acesso aos ambientes virtuais, Moodle, ou até mesmo informações referentes ao curso ocorrem através da internet. Segundo Menezes, Nunes e Chagas (2016), nela o educando poderá analisar o projeto pedagógico, as aulas, realizar atividades, participar dos fóruns de discussão, tirar as dúvidas com os tutores (se houver) e educadores.

As TIC estão no meio social segundo Cruz, Arxer e Bizelli (2016), e como Cassundé, Mendonça e Barbosa (2017) explicita o sujeito não a utiliza apenas no espaço educacional, e sim no seu convívio social, elas estão enraizadas em nosso cotidiano, e é por isso que os profissionais devem mediar a sua aplicação no ensino a distância, para que seja aproveitado de forma benéfica, sendo otimizado todo seu potencial pedagógico.

É inconcebível um curso de nível superior na modalidade EaD, de qualidade, sem o uso correto e planejado das tecnologias, sendo fundamentais, segundo Camillo (2016), para a permanência dos matriculados, e para o processo de ensino aprendizagem.

Portanto, a partir de nossa pesquisa entendemos que a EAD é uma modalidade de ensino que por ter o educador e educando em espaços físicos diferentes, necessita de estrutura adequada que possibilite a comunicação entre estes sujeitos.

O modelo de EaD adequado, é aquele que possibilite a troca de experiências, vivências e de informações através do uso das tecnologias, por isso, esta modalidade não pode ser adotada como opção de redução de custos, e nem de substituir as demais modalidades de ensino por motivos financeiros.

Ao entendermos o EAD passamos à necessidade, de acordo com nossa temática, de entendermos e analisarmos as possibilidades híbridas da educação. Nossa próxima seção abordará a educação híbrida.

## 4. O ENSINO HÍBRIDO

Como explicitado nos últimos parágrafos da “Educação a Distância no Brasil”, que relatou as questões históricas e contemporâneas da EaD, esta seção visa discutir o Ensino Híbrido, no contexto da educação pública brasileira, trazendo a discussão de pesquisadores que analisam a temática do seu surgimento até as práticas utilizadas nos espaços escolares e universitários.

### 4.1 ENSINO HÍBRIDO

Os processos educacionais compreendidos nas modalidades presencial e EaD mostram que é preciso uma discussão referente ao modo de trabalhar as questões pedagógicas, como autonomia, ensino, aprendizagem, e relações interpessoais, visando a aprimoramento dos processos educativos, a manutenção da qualidade, e a redução de barreiras.

Quando pegamos os aspectos positivos, no quesito educacional, da modalidade presencial e da EaD é possível observar a possibilidade de juntar as duas, transformando-se em uma, surgindo “mais uma técnica metodológica para auxiliar a melhorar a prática pedagógica na educação” (JÚNIOR; CASTILHO, 2016, p. 2), denominado de Ensino Híbrido, integrando de forma coesa, clara e objetiva, as metodologias do ensino a distância e presencial no cotidiano escolar (JÚNIOR; CASTILHO, 2016).

Entendemos que o “ensino híbrido trata da convergência dos modelos educacionais: o presencial, em que o processo ocorre em sala de aula, como vem ocorrendo há tempos, e o modelo on-line, que utiliza as tecnologias digitais para promover o ensino” (ANGELUCI; CACAVALLLO, 2017, p. 67), dando a oportunidade de o educando poder interagir com os conteúdos no espaço escolar e fora dele.

O ensino híbrido vem como uma nova opção de ensino, focando-se na qualidade e aprendizagem do aluno (JÚNIOR; CASTILHO, 2016, p. 2), trazendo um aspecto único, devido a questão de proporcionar uma abordagem não massificada, que instiga o debate, a compreensão, a reflexão, e a busca pela resolução de problemas, focando na realidade dos sujeitos inseridos naquele contexto.

Todo este aspecto, faz com que haja um interesse dos envolvidos, levando um grau de participação positivo, e agregue no crescimento humanístico e

profissionais, dando um perfil de autonomia e motivação do sujeito (TEIXEIRA, 2016), que se enxerga como parte fundamental, na construção educacional desta modalidade, podendo propor melhorias nas atividades e na metodologia, e se preciso tecer críticas construtivas a aquilo que considerar fora de contexto, nos quesitos ementa e referencial teórico-prático, pois nem sempre seu tempo será igual ao do educador, que está acostumado com um determinado ritmo (SCHERER, 2016).

Por utilizar de benefícios da própria modalidade EaD e da modalidade presencial (TEIXEIRA, 2016), o ensino híbrido consegue captar os recursos tecnológicos de ambas modalidades, para o uso no cotidiano escolar, sendo uma prática pedagógica que pode se ampliar através das múltiplas mídias (ROTHSTEIN; SANTOS, 2017, p. 8), tendo uma imensidão de possibilidades de como trabalhar com a hibridização escolar, que vem se popularizando na realidade brasileira.

A preocupação de haver alguma desvalorização no processo de ensino-aprendizagem, acaba não se concretizando, pois as adaptações e transformações são recorrentes, visando o aprimoramento contínuo, sendo que não há uma perda da qualidade devido a incorporação de novas tecnologias, que possibilitam o estímulo para o aluno (JÚNIOR; CASTILHO, 2016, p. 2), que estando incentivado, estará preparado para lidar com as atividades de todos os níveis, sejam elas presenciais ou virtuais, usando a internet como parte integradora, para trocar saberes com os demais envolvidos Rothstein e Santos (2017).

As TIC permitiram mudanças significativas no cenário educacional (ANGELUCI; CACAVALLO, 2017, p. 64), por trazer novas tecnologias (JÚNIOR; CASTILHO, 2016), que sanam as dificuldades encontradas no dia-a-dia escolar e universitário, levando os atores envolvidos ao patamar de protagonista de sua própria história acadêmica, conseguindo identificar os suas dificuldades, e buscando o suporte para minimizá-las.

Por isso podemos “designar o atributo tecnológico como instrumento de difusão do conhecimento” (ROTHSTEIN; SANTOS, 2017, p. 8), que se fará presente no processo de ensino-aprendizagem, com uma ferramenta essencial, para o desenvolvimento educacional, cultural e social do educando, que além de contar com o educador, também poderá se apoiar nos recursos tecnológicos, que não substituem a presença dos demais atores, e apenas fortalecem a assimilação de conteúdos.

Saliento que “o digital acrescenta informação à cena presencial física ampliando-a, ou seja, “aumenta a cena”, potencializando o conhecimento a respeito de objetos, lugares ou eventos” (SCHLEMMER, 2016, p. 118), jamais tomando para si, a responsabilidade do educador, e mesmo não deverá transferi-la para as tecnologias, e sim educá-las em suas aulas, para ampliar os horizontes da compreensão humana, que só é possível, quando se converge a um patamar onde o presencial e a distância estão interagindo de tal forma, que a sua dissociação, levaria o desestímulo por parte do educando.

E como visto na figura 04, podemos identificar o que foi explicitado por Teixeira (2016) e Angeluci e Cacavallo (2017), em que observa o “engenho” da cultura escolar na perspectiva híbrida, no qual há a centralização no educando, conectando-se com todo o sistema, movendo o processo seletivo.

FIGURA 3 – A GESTÃO DO ENSINO HÍBRIDO



FONTE: Cursos Schola (2016)

Observando que neste “contexto têm surgido novas formas de aprendizagem, em que o educando assume um papel mais participativo, resolvendo problemas, desenvolvendo projetos e, com isto, criando oportunidades para a construção de conhecimentos.” (CAMILO, 2017, p. 65), buscando sempre a emancipação do sujeito, através de seu protagonismo, iniciativa, colaboração e criatividade.

Por isso devemos nos pautar numa “educação bimodal que não massifica, mas que individualiza, que propõe e se preocupa com a aprendizagem e emancipação dos alunos” (SCHERER, 2016, p. 213). O individualismo neste sentido vem com a defesa, de que o sujeito precisa aprender a lidar consigo próprio e se autodesenvolve, estando apto para interação com os demais que estiverem

inseridos no mesmo espaço.

Devemos dar ao educando a flexibilidade de acesso, os professores e os alunos interagem em todo o processo, sejam conectados pela rede ou presencialmente (TEIXEIRA, 2016, p. 169), para que independente do local que ocorra o aprendizado, eles se sintam seguros e confiantes para prosseguir as etapas.

Uma das formas de lidar com esta realidade, é através da divisão da sala em diversos grupos, e assim atendendo em tempo útil (SCHIEHL; KEMCZINSKI; GASPARINI, 2017, p. 6) todos os sujeitos inseridos na sala de aula, de forma a atingir a equidade das necessidades educacionais, pois a colaboração entre eles, desenvolveria suas habilidades, e as dificuldades seriam minimizadas, por haver uma rede de suporte.

Uma das questões que traz o reconhecimento desta modalidade, perante as demais, é a forma como os educandos, recebem as devolutivas dos exercícios realizados, que em sua finalidade, tem o objetivo de apenas verificar se o educando pode progredir ou não, o que nós leva a questão de que as avaliações e o ensino não atendem às necessidades dos estudantes (SCHIEHL; KEMCZINSKI; GASPARINI 2017, p. 6), sendo necessário um olhar específico para a temática de avaliação, para que o próprio sujeito, possa identificar os pontos, dos quais precisa revisar ou aqueles que já possui um certo domínio.

Interação, autonomia, liberdade, são questões pertinentes no âmbito da educação, e sempre aparecem nas discussões teóricas e práticas, pois os “processos de ensino e aprendizagem tradicionais não atendem mais o estudante do século XXI” (SCHIEHL; KEMCZINSKI; GASPARINI, 2017, p. 1). Portanto, buscar uma nova abordagem para a realidade brasileira, é algo complexo, devido a tamanha diversidade cultural e social no País, e o Ensino Híbrido, como qualquer modalidade educacional, não está livre destas situações, para isso ser minimizado de forma satisfatória, é preciso a adequação das atividades, em relação ao contexto que está sendo proposto.

E além do educando, não podemos esquecer de outro ator, que tem o papel de estimular e instigar, que é o educador. Nesta modalidade “torna-se a energia mobilizadora da aprendizagem” (SCHERER, 2016, p. 213), levando o pensamento crítico para todo o coletivo, que além de ser um dos responsáveis pelo sucesso do processo de ensino-aprendizagem, também será visto como um mediador do

tecnológico com o pedagógico.

Finalizando este subcapítulo, podemos resumir que “o ensino híbrido não tem uma definição determinada. Ele é como o próprio nome retrata, uma mescla, combinação, mistura de inúmeros métodos, formas, jeitos e técnicas que podem conduzir ao ensino de um certo conteúdo.” (SCHIEHL; KEMCZINSKI; GASPARINI, 2017, p. 2), que mesmo parecendo novo para a realidade educacional pública brasileira, esta modalidade desenvolveu e se desenvolve, utilizando-se de características já construídas, e apenas os transforma para que se adeque no contexto que está inserida.

#### 4.2 A PRÁTICA DO ENSINO HÍBRIDO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Como demonstrado, a hibridização na educação brasileira, principalmente na rede pública, vem se perpetuando de tal forma, que começam a surgir questionamento referente a qualidade, pois a realidade das escolas brasileiras não está preparada pelo sistema (SILVA, 2018, p. 152), para suportar as modificações estruturais, de ensino, formação profissional adequada, que esta modalidade exige, quando se é colocado em prática seus conceitos.

Pensar numa educação híbrida é enxergar um espaço educacional que contemple o processo de aprendizagem, através da autonomia, criatividade e colaboração e para isto é necessário haver um investimento na reestruturação dos espaços escolares, na formação inicial e continuada de professores, para que haja um retorno aos envolvidos neste processo.

Para a realização destas ações precisa-se trabalhar com estratégias de aprendizagem, centrando o estudo no estudante, dividindo-se em módulos ou unidades temáticas, preparando-o para lidar com novos problemas (OLIVEIRA, 2017, p. 2). Porém, só é possível com profissionais qualificados e bem remunerados, pois ao contrário do que é visto na realidade atual. A EaD não pode ser aplicada com uma forma de baratear os custos, mas sim como uma proposta educativa, que conversem entre o presencial e a distância, de forma positiva ao educando.

Os educadores precisam acreditar no que trabalham (JÚNIOR; CASTILHO, 2016, p. 4), por serem os responsáveis diretos pela articulação do digital e o analógico, estimulando a sua turma, buscando novas atividades, propostas e formas de participações, e também a sua própria capacitação, para não ficar

“desatualizado”, perante as constantes transformações tecnológicas que ocorrem no campo da educação, também é importante frisar que os mesmos precisam de coordenação pedagógica atuante, para não ficarem sobrecarregados nas suas atividades.

É um caminho árduo e desgastante para o profissional do magistério, por haver “ na atualidade, escolas usando os mesmos modelos de ensino aplicados há várias décadas, e o mais preocupante, valendo-se de metodologias que nem sempre são eficazes” (SILVA, 2018, p. 154), o que torna o papel de toda equipe pedagógica, mais delicado devido ao trabalho de readequar, o educador para um espaço que foge do tradicional, que está historicamente enraizado na educação pública brasileira.

Mas, apesar dos contrastes da realidade encontrada “a metodologia híbrida de ensino tem possibilidade de promover uma educação no âmbito superior mais agradável, dinâmico com metodologias mais assertivas” (CRUZ; ARXER; BIZELLI, 2016, p. 6), tornando o processo mais produtivo e gratificante para os envolvidos.

Como na EaD, as TIC são fundamentais para o sucesso pedagógico, desta modalidade, usando as “tecnologias com foco na personalização das ações de ensino e de aprendizagem” (SILVA, 2018, p. 152), sendo o ponto de partida para a disseminação de conteúdos que serão trabalhados em sala.

A interação ocorre devido, as plataformas, ou pelas redes sociais, que estimulam o contato do educador-educando, educador-educador e educando-educando, criando um sistema de interligação, que faz com que os participantes conheçam uns aos outros, e colaborem entre si com atividades a serem desempenhadas.

Os fóruns de discussão são espaços para fluir ações de linguagem (SCHERER, 2016, p. 211), pois neles encontram, os matriculados e os ministradores, dos cursos e disciplinas, e assim poderão usar estes recursos tecnológicos, para compartilharem o conhecimento, se informarem e comunicarem.

Compreende-se que as TIC, mesmo sendo fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, devem estar inseridas à prática pedagógica (FRANCISCO: OLIVEIRA, 2016, p. 54), pois o tecnológico não substitui o pedagógico e sim, o complementa na construção do pensamento crítico, questionador e autônomo.

### 4.3 OS MODOS DE SE TRABALHAR COM ENSINO HÍBRIDO

A modalidade Ensino Híbrido pode ser aplicada de diversas maneiras, seja no tradicional (presencial) ou EaD, tendo diversos exemplos já comprovados em instituições escolares, no Brasil e pelo mundo, sendo uma alternativa para estimular a busca pelo saber, com trocas e formação de novos conhecimentos dos envolvidos desta realidade.

Os recursos multimídias (ROTHSTEIN; SANTOS, 2017), são fundamentais para o desenvolver destes modelos, por trazer uma diversidade que abrange todas as situações encontradas nos espaços educativos.

Independente do modelo estabelecido, o sujeito sempre será visto como aprendiz (SCHERER, 2016), que terá a sua autonomia respeitada, para que assim consiga aprimorar suas habilidades, e contribuir socialmente e culturalmente, com o seu próprio desempenho escolar e de seus demais colegas, e claro o educador, que mesmo sendo um detentor de um determinado assunto, também se beneficia desse aprendizado.

Mas, afinal o que são estes modelos? Como estão divididos? Para responder estas indagações, apresentamos na figura 05, as duas primeiras divisões, onde o “Tipos de Ensino Híbrido” se encontram em dois grupos: os da escola tradicional e o ensino a distância.

FIGURA 2 – MODELOS DE ENSINO HÍBRIDO



FONTE: Porvir (2016)

Como observado na figura 05, são expostos quatro modelos em que se encontram características de hibridização, no qual o modelo rotacional, possui quatro ramificações são eles: Rotação por estações, Laboratório rotacional, Sala de Aula Invertida (SAI), Rotação individual. E os demais que o compõem são: Flex, À La Carte e o Virtual Aprimorado.

Estes quatro modelos serão apresentados abaixo, com o auxílio de figuras, para que se possa compreender o panorama teórico e prático de suas aplicações

**Rotação por estações:** Cada um fica responsável por uma parte do trabalho, que será construído por todos, para que ao final, seja entregue para educador, da forma que ele estiver estipulado.

os estudantes são organizados em grupos e cada um desses grupos realiza

uma tarefa de acordo com os objetivos do professor para a aula em questão. O planejamento desse tipo de atividade não é sequencial e as atividades realizadas nos grupos são, de certa forma, independentes, mas funcionam de forma integrada para que, ao final da aula, todos tenham tido a oportunidade de ter acesso aos mesmos conteúdos. (BACICH, 2016, p. 682).

**Laboratório rotacional:** Além da sala os educando, contam com os laboratórios educativos, que são colocados a disposição de todos (pedagogos, educandos e educadores, técnicos de informáticas), para que sejam usados no horário das aulas e realização de exercícios, dando um enriquecimento no aprendizado.

os estudantes usam o espaço da sala de aula e laboratórios. O modelo de Laboratório Rotacional começa com a sala de aula tradicional, em seguida adiciona uma rotação para um computador ou laboratório de ensino. Os laboratórios rotacionais frequentemente aumentam a eficiência operacional e facilitam o aprendizado personalizado, mas não substituem o foco nas ações convencionais que ocorrem em sala de aula. (BACICH, 2016, p. 682).

FIGURA 3 – LABORATÓRIO ROTACIONAL



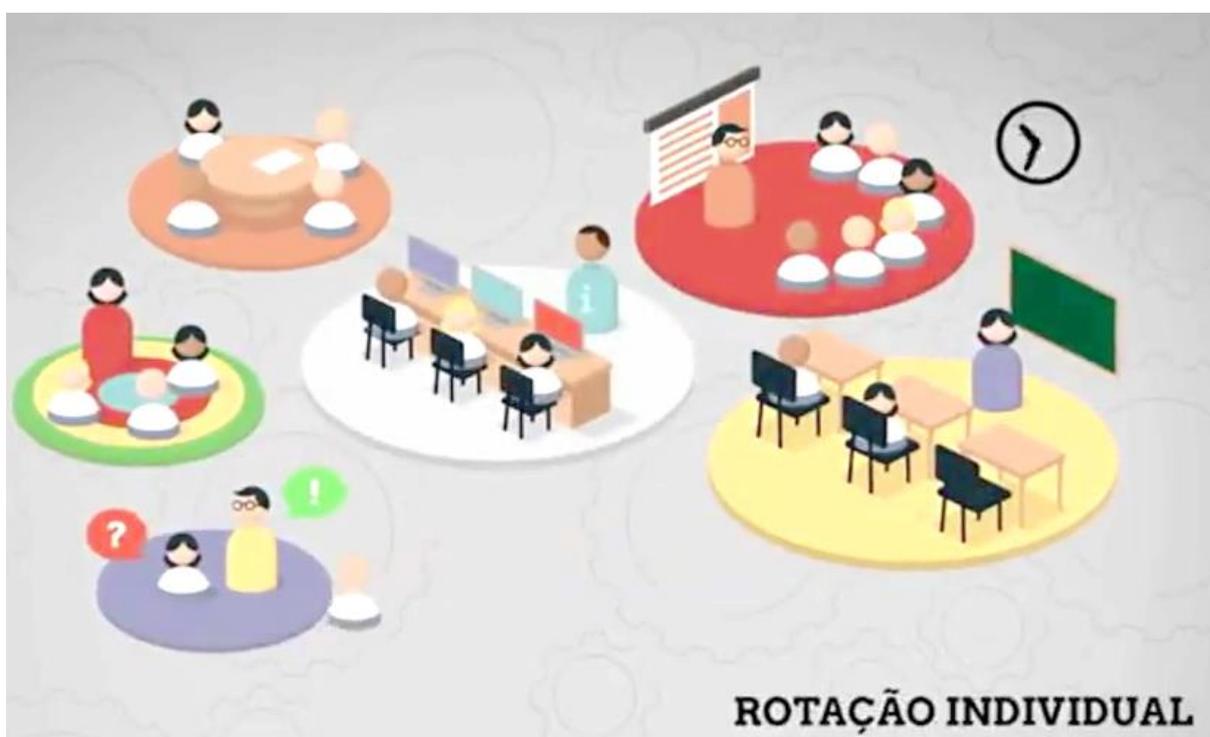
FONTE: RadarEad (2016)

Na figura 03, se expõem um exemplo prático desta proposta, mas é importante salientar, que a tecnologia, não se resume a apenas o laboratório de informática, podendo haver laboratórios de multimídias, videoconferência, com lousa digital, e em conjunto formam a estrutura pedagógica do laboratório rotacional.

**Rotação individual:** Das propostas, esta foca mais no sujeito individual, e suas especificidades, sejam elas pessoais ou educacionais, trabalhando para estimular suas habilidades, ou para corrigir determinados comportamentos, que afetam o seu desenvolvimento, mas sem retirar a sua liberdade de auto gerir, como protagonista de seu aprendizado, e apenas focando-se nas suas particularidades para solucionar as atividades aplicadas pelo educador.

cada aluno tem uma lista das propostas que deve contemplar em sua rotina para cumprir os temas a serem estudados. Aspectos como avaliar para personalizar devem estar muito presentes nessa proposta, uma vez que a elaboração de um plano de rotação individual só faz sentido se tiver como foco o caminho a ser percorrido pelo estudante de acordo com suas dificuldades ou facilidades. (BACICH, 2016, p. 682).

FIGURA 4 – ROTAÇÃO INDIVIDUAL



FONTE: RadaEad (2016)

Na figura 04, percebe-se uma ampliação dos ambientes, pois cada educando é tratado da sua maneira, para isso é necessário, uma estrutura, e recursos materiais e pedagógicos, que consigam lidar com todos, de forma equide, dando espaço para suas opiniões, expressões e habilidades.

**Sala de aula invertida:** A mais divulgada de todas as propostas, sendo uma das melhores formas de divulgação do ensino híbrido no Brasil, devido a sua forma de

trabalharem, no qual a teoria (analógico), e as atividades em sala, o que dá a possibilidade dos educandos que não possuem recursos tecnológicos suficientes, acompanharem os demais.

a teoria é estudada em casa, no formato online, e o espaço da sala de aula é utilizado para discussões, resolução de atividades, entre outras propostas. O que era feito na sala de aula (explicação do conteúdo) é agora feito em casa e, o que era feito em casa (aplicação, atividades sobre o conteúdo), é agora feito em sala de aula. (BACICH, 2016, p. 682).

FIGURA 5 – SALA DE AULA INVERTIDA

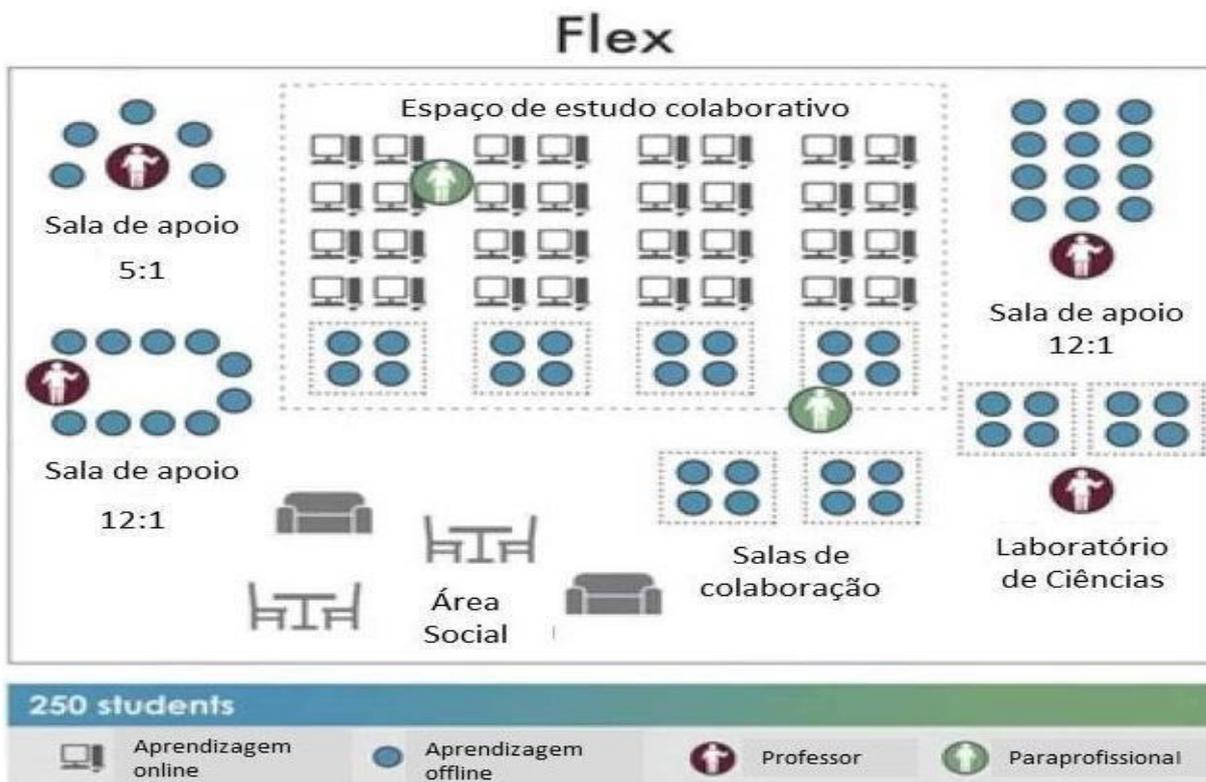


FONTE: GeografiaVisual (2016)

Ela proporciona a autonomia, no quesito organização de horário, pois cabe o educando decidir a forma, que vai estudar em casa, e que além de ler os textos, fará a revisão sozinho, para expandir sua compreensão do conteúdo.

**Modelo Flex:** Nele “os alunos também têm uma lista a ser cumprida, com ênfase na aprendizagem on-line. O ritmo de cada estudante é personalizado e o professor fica à disposição para esclarecer dúvidas” (BACICH, 2016, p. 682), sendo preciso um desdobramento de por parte do educador, para lidar com todos os ritmos, sem se sobrecarregar, ou prejudicar a qualidade da aula.

FIGURA 6 – MODELO FLEX



FONTE: Porvir (2016)

Na figura 06, fica nítido a forma que a escola se estrutura, no qual conta com diversas salas de apoio, laboratórios, área sociais e um espaço de estudo colaborativo, onde os educandos se encontram para poder estudar e desenvolver as atividades.

**O de Modelo A La Carte:** Se destaca pela forma organizacional é desenrolada, do qual o educando passar a se autogerir, visando alcançar as metas, contando sempre com o apoio pedagógico, que irá auxiliar no decorrer de suas atividades, mas não na sua forma de planejar os estudos.

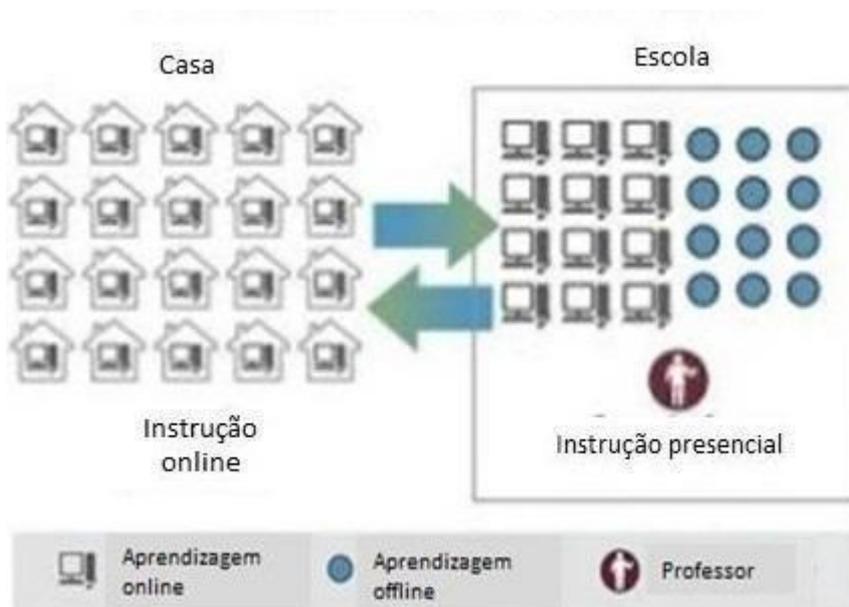
Estudante é responsável pela organização de seus estudos, de acordo com os objetivos gerais a serem atingidos, organizados em parceria com o educador; a aprendizagem, que pode ocorrer no momento e local mais adequados, é personalizada. Nessa abordagem, pelo menos uma disciplina é feita inteiramente online, apesar do suporte e organização compartilhada com o professor. (BACICH, 2016, p. 683).

**O Modelo virtual enriquecido:** Vem com uma possibilidade de transformar o modelo tradicional em algo mais híbrido, e participativo, levando aqueles educandos acostumados com o tradicional, fomentar em seu senso crítico.

trata-se de uma experiência realizada por toda a escola, em que, em cada curso, os alunos dividem seu tempo entre a aprendizagem on-line e a

presencial. Os alunos podem se apresentar, presencialmente, na escola, apenas uma vez por semana. De acordo com Horn e Staker (2015), muitos programas deste tipo tiveram início como escolas on-line e, posteriormente, desenvolveram programas híbridos para proporcionar, aos estudantes, experiências de escolas consideradas tradicionais. (BACICH, 2016, p. 683).

FIGURA 7 – MODELO VIRTUAL ENRIQUECIDO



FONTE: Porvir (2016)

E como visto na figura 7, as instruções ocorrem em dois espaços, casa e escola, sendo uma parceira da outra, intercalando uma comunicação que fornece ao educando a segurança para se construir como sujeito e cidadão, nos espaços sociais e educacionais.

Em resumo, estes modelos nos trazem a possibilidade de se trabalhar com educação realmente autônoma, que conta com a participação de todos os sujeitos, internos e externos à escola, por isso não é uma modalidade fácil de ser aplicada, pois a EaD, não vem para sanar os déficit do presencial, e sim contribuir no processo de ensino-aprendizagem, do educando, educador e demais contribuidores que possam existir.

Com o término desta seção, podemos partir para a discussão do objetivo geral deste trabalho, que é compreender a convergência bimodal, partindo da análise dos principais autores que abordam a EaD e a Educação Híbrida desenvolvidas nos últimos anos, de modo a refletir as possibilidades da convergência bimodal da educação, onde se percebem as dificuldades, desafios e conquistas, que o ensino a distância, enfrenta para se colocar como uma opção de educação pública, gratuita e de qualidade.

## 5. A CONVERGÊNCIA BIMODAL NA EAD E NO ENSINO HÍBRIDO

Após a apresentação dos pontos de vistas dos autores nas seções anteriores, aprofundaremos a discussão sobre bimodalidade da educação, temática que vem ganhando espaço nos campos de pesquisa de tecnologia e educação, sendo um novo desafio para aqueles que enxergam nos ambientes a distância um caminho para uma modalidade educacional, que inclua e fortaleça a interação de todos os sujeitos.

As modalidades Híbrida e a Distância estão em constante crescimento, devido a sua versatilidade no que tange a aprendizagem do educando, e nos espaços públicos, possibilitaram a expansão de uma educação pública, de qualidade e gratuita, em lugares remotos do país, e nas capitais e grandes centros, dão a oportunidade de agregar no desenvolvimento tecnológico, social e educacional dos sujeitos nele inseridos.

Pretendemos entender aqui a autonomia do estudante; o que é a EaD e o Ensino Híbrido nas Instituições Federais e a bimodalidade como opção de educação, que irão trazer as questões que constroem a concepção de educação bimodal na rede pública, e que necessitam da participação ativa de todos os envolvidos.

Entendendo que "a ideia de educação bimodal não é novidade" (SCHERER, 2016, p. 206), pois as tecnologias já estão inseridas nas escolas e universidades a décadas, e o que vemos nos últimos anos, é o crescimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e também denominado como Novas tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC). As mudanças de nomenclatura demonstram, a substituição do analógico para o digital, sendo um desafio para educadores e instituições se adaptarem a esta nova realidade.

Entretanto, é relevante entender que o educando já vem com este conhecimento de casa, e aqueles que não possuem o mesmo nível de conhecimento tecnológico, devido a condições financeiras, a escola deve oferecer as oportunidades dele ter o contato com as tecnologias educativas.

Uma educação que pretende convergir o presencial e a distância ou totalmente a distância, precisa ter o humanismo para compreender que cada sujeito, inserido nos fóruns, têm suas vivências, realidade, e forma de aprender, por isso deve se pensar num modelo de aprendizagem que leve o educando a sua própria autonomia, e o modo de absorver o conteúdo.

A tecnologia não foi colocada como pilar, pois se compreende que a mesma, está inserida em todo o processo, sendo preciso apenas a mediação pedagógica dela, nos espaços escolares e universitário.

## 5. 1 A AUTONOMIA POR PARTE DO EDUCANDO

Diversos momentos neste trabalho, a autonomia foi explicitada como algo que norteia a EaD, seja ele a distância, semipresencial ou híbrido, pois não podemos pensar numa educação emancipadora, moderna e tecnológica, se ela não dá a liberdade para os sujeitos envolvidos, realizarem as atividades propostas, da forma que consideram mais adequada para sua realidade.

O indivíduo precisa saber lidar com o aprender, transmitir e produzir o conhecimento através do uso das tecnologias Silva (2016, p. 3), tendo toda a estrutura adequada para desenvolver suas habilidades. O educando precisa se sentir motivado para despertar a criatividade, e poder produzir as ações com a maior eficiência, alcançar a aprendizagem esperada pelo educador e demais colaboradores.

Os conhecimentos passam por uma necessidade de atualização com grande frequência Silva (2016, p. 2), que traz uma imensa busca por novas formas de aprender e ensinar, o educando sente-se desafiado, quando vê que o conteúdo, é moldado para ele, e busca em sua realidade, experiência e estudos, uma forma de resolver os problemas, às vezes, progredindo, mais que o esperado, o que leva o educador, e o tutor, no caso da modalidade EaD, fazer com que o mesmo, sinta-se animado para realizar as atividades.

Emergindo assim uma nova estrutura de trabalho (SILVA, 2016, p. 3), que faz com que os sujeitos, colaborem entre si, construam a aprendizagem em conjunto, pois nas modalidades EaD e Híbrida, a dita distância, é suprida com a interação e compartilhamento de informações, fomentando assim, a aprendizagem a distância e, que vem crescendo no cenário educacional brasileiro, e que além das universidades, também é encontrado nos IF, segundo Formiga et al. (2017).

O educador passa a ser visto como “facilitador da aprendizagem” (ROTHSTEIN; SANTOS, 2017, p. 11), entendido como fundamental, para a promoção da autonomia do educando, entretanto, é importante salientar o educador,

não poderá ser o protagonista da aprendizagem, daquelas que ele estiver lecionando, pois deve ser um mediador do conteúdo com o tecnológico,

Todo este processo se torna possível graças ao educando, no qual o ensino deverá ser focado nele, e que os objetivos educacionais e políticas públicas educacionais, sejam estruturadas, pensadas e planejadas nele, pois não existe processo educacional público, sem o educando, pois escolas ficam vazias sem ele, educadores ficam sem ninguém para compartilhar o conteúdo e o desenvolvimento da aprendizagem para obter conhecimentos, se não tiver alguém apto e com vontade de aprender, por isso, é compreendido que sem o educando, não existe o processo de ensino-aprendizagem na educação pública brasileira.

O trabalho de autonomia é árduo e requer empenho do educadores, coordenadores, tutores e demais profissionais, pois até o término do produto final, é preciso uma coesão, do que será ensinado, apresentado, e discutido, por isso, antes de se propagar qualquer conteúdo, é preciso passar por uma rigorosa revisão, para que quando chegar no educando, o mesmo esteja atualizado, respeitando as normas ortográficas, e que o motive a buscar a sua própria forma de aprender, pois não podemos pensar num processo de ensino-aprendizagem autônomo, sem focar no educando.

Todo este processo nos leva a uma sociedade de composição híbrida (ANGELUCI; CACAVALLLO, 2017, p. 65), onde o digital e tangível, se conectam, interagem, e convergem de uma forma que constroem algo novo, pois não há mais distinção entre os dois, iniciando assim, um processo educacional emancipador, que depende totalmente da participação e motivação dos sujeitos participantes, para que os resultados esperados, de uma educação pública e de qualidade sejam alcançados.

Falando das especificidades, a EaD e o Ensino Híbrido, mesmo sendo inspiradas no ensino a distância emancipador, possui suas próprias especificidades, pois quando pensamos em curso a distância, enxergamos a institucionalização, IES e IF, UAB, universidades particulares e seus próprios modelos de “ensino”, já no híbrido, vemos como algo abrangente, que vai da educação básica ao ensino superior.

Nesta parte do trabalho, iremos trabalhar com o Ensino Híbrido, pois o mesmo se mostrou que devido a experiência nos cursos a distância, a autonomia no contexto brasileiro, deve se adequar a realidade de cada região, e localidade que for

implantada.

Para Silva (2018, p. 152) as

potencialidades do Ensino Híbrido para a superação das dificuldades e limitações do contexto de ensino público e suas possíveis contribuições para bons resultados na aprendizagem, estimulando a autonomia e possibilitando que o aluno possa ampliar seus horizontes, tarefa está tão necessária para a vida em sociedade.

Portanto, podemos dizer que levando aqueles, que antes esperavam o educador dar as instruções, partem para as próprias empreitadas, desafios elevando o nível educacional de todos os envolvidos.

Seguindo nesta temática, pegamos como exemplo o Modelo de Rotação Individual e a sala de aula invertida, que após a revisão bibliográfica na segunda seção, demonstraram serem dois exemplo de modelos, para serem adotados quando se busca uma educação voltada ao educando autônomo.

O “modelo de Rotação Individual, no qual cada aluno tem uma lista das propostas que deve contemplar em sua rotina para cumprir os temas a serem estudados de acordo com seu perfil e necessidade, em seu ritmo.” (SILVA, 2018, p. 157), sendo de total responsabilidade, saber lidar com os desafios e atividades, mas é importante frisar, que quando sentir dificuldade, em alguma proposta, o educador, tutor ou auxiliar, pode e deve ser consultado, para não restar mais nenhuma dúvida.

Já a SAI coloca o educando no centro da discussão (CRUZ; ARXER; BIZELLI, 2016 p. 3), podendo ser trabalhada nos mais diversos espaços a distância como redes sociais e ambientes de aprendizagens, (FRANCISCO; OLIVEIRA, 2016), sendo uma possibilidade de trabalhar com os nomeados nativos digitais, que já enxergam a tecnologia, como parte de sua vida.

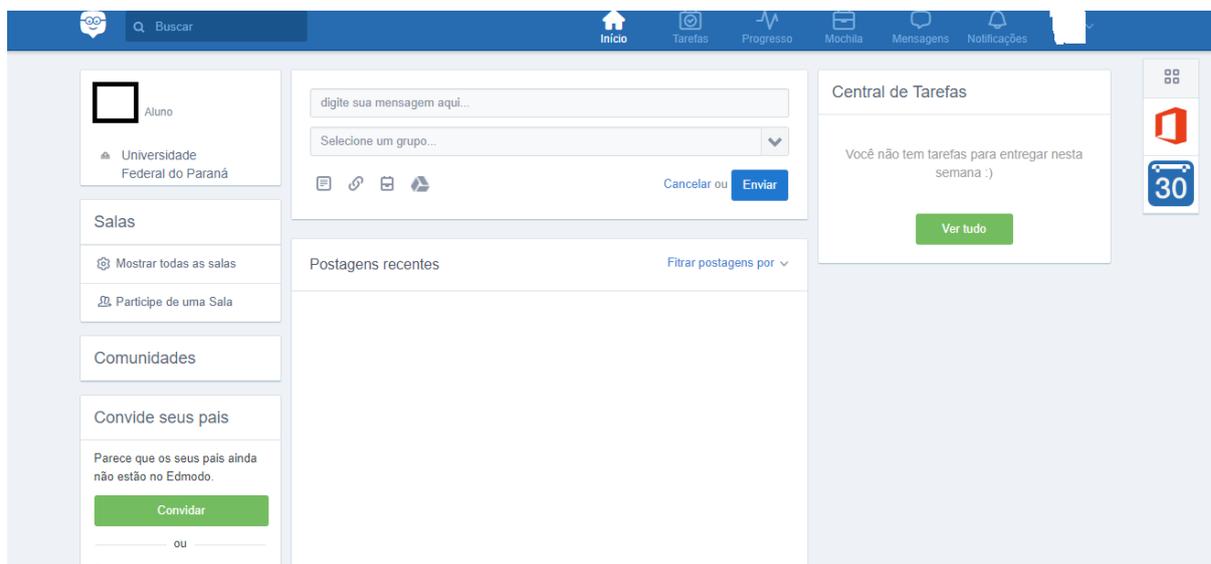
Assim “mudar o foco do ensino burocrático e tradicionalista para um processo mais criativo, interativo em que a aprendizagem seja significativa, além de transferir a autonomia para o aluno” (AFONSO, 2016, p. 100), levando aqueles que antes esperavam a figura do professor para estudar, já podem planejar seus próprios estudos.

O ensino a distância, que possibilita o educador ser autônomo, só foi possível graças às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), que possibilitam a comunicação, participação, interação, debate, entre educadores, educandos, tutores, técnicos, coordenadores.

Abaixo, serão apresentados dois exemplos de TDIC e TIC, usando o Edmodo e o Moodle, que são usados como forma para motivar os participantes, a conhecerem os conteúdos das disciplinas ministradas, e as múltiplas ferramentas tecnológicas.

Edmodo: Por ser uma ferramenta com uma interface semelhante a uma rede social mundialmente reconhecida, é uma opção utilizada por educadores, para instigar seus aprendizes se comunicar com os demais colegas, compartilhar dados, informações e conteúdos, o seu objetivo, é que em determinado momento, a mediação de um terceiro, seja desnecessária no sentido de incentivar postagens, e que os matriculados, comecem a compartilhar o conhecimento entre si, por livre espontânea vontade.

FIGURA 8 - EDMODO



FONTE: Edmodo (2018)

Moodle: Dentro da EaD e do Ensino Híbrido, o Moodle é a ferramenta mais famosa, é traz consigo, uma grande possibilidade de interação e independência, pois além de servir como repositório de conteúdos, os fóruns instigam os educandos a comunicarem entre si, ou para tirar dúvidas com os tutores, dando início a um processo de emancipação, pois o sujeito identifica a sua própria dificuldade e passa alternativas para saná-la.

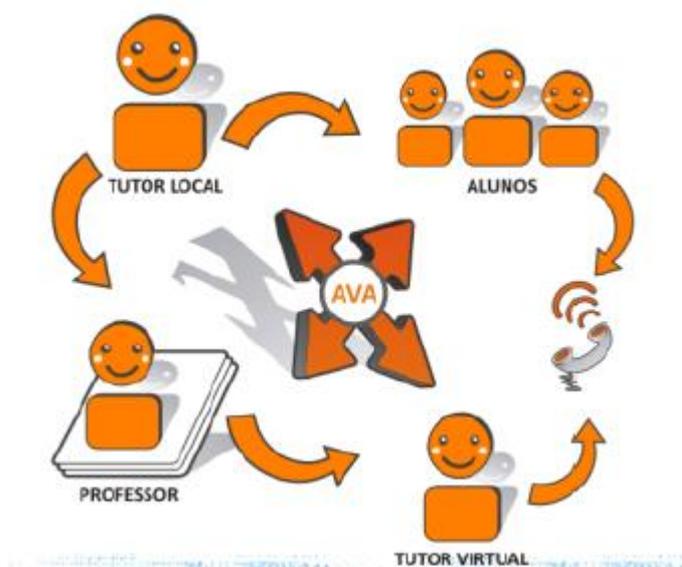
FIGURA 9 - MOODLE



FONTE: Reducacional (2018)

Outra ferramenta que vêm ganhando espaços graças ao Moodle, é o AVA, que é usado no sistema Bimodal, pois engloba o educando nos espaços presenciais e a distância, colocando a responsabilidade e autonomia, para que se tomem as devidas decisões, referente ao seu futuro acadêmico.

FIGURA 10 – AMBIENTE AVA



Fonte: BAGP (2014)

Finalizando esta subseção, podemos concluir que a autonomia, é um dos aspectos responsáveis pela manutenção da educação bimodal no Brasil, pois quando pensamos num ensino voltado para o educando, damos espaço para novas

formas de aprendizagem, que podem nos possibilitam saberem imensuráveis.

## 5. 2 A IDEALIZAÇÃO DA EAD E DO ENSINO HÍBRIDO DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS

Como já foi explicitado “sabe-se que a educação a distância é fenômeno que data do começo do século XX e que diversas tecnologias foram utilizadas para tematizar este modelo de ensino, tais como: a correspondência, o telex, o rádio, a televisão, o vídeo cassete e o CD-ROM” (MENEZES; NUNES; CHAGAS, 2016, p. 1), e que no século XXI, ganha força graças aos aportes governamentais, e do avanço das TDIC na sociedade, o que eleva a necessidade de um ensino autônomo, criativo e emancipador.

Hoje podemos analisar uma nova cultura educacional, que tem como aliar os recursos pedagógicos e tecnológicos, nas escolas e universidades, e passa a se focar a formação de novos professores, que devem entender as tecnologias como aliados no processo formativo de seus educandos (FORMIGA et al., 2017, p.132).

É um processo natural que vem sendo observado após a criação da UAB, é a institucionalização e convênio de cursos técnicos, de graduação e especialização, nas instituições federais brasileiras.

Principalmente após a Portaria de Nº 1134 que revoga a de nº 4.059, de 10 de dezembro de 2005, dando início ao processo de implementação de EaD nas instituições de ensino superior, surgindo cursos de curta e longa duração, para espaços onde só o presencial era valorizado, como ensino de qualidade.

Dois órgãos foram fundamentais, UAB e Rede e-Tec, para estas implantações, a Rede e-Tec, que foi lançada em 2007 e tem como objetivos:

à oferta de educação profissional e tecnológica a distância e tem o propósito de ampliar e democratizar o acesso a cursos técnicos de nível médio, públicos e gratuitos, em regime de colaboração entre União, estados, Distrito Federal e municípios. Os cursos serão ministrados por instituições públicas (MEC, 2018).

Tendo a responsabilidade compartilhada entre o MEC e os entes federativos, esse sistema é encontrado nos IF pelo país, por ser uma forma de disponibilizar o ensino técnico para diversas regiões.

O MEC é responsável pela assistência financeira na elaboração dos cursos. A estados, Distrito Federal e municípios cabe providenciar estrutura, equipamentos, recursos humanos, manutenção das atividades e demais

itens necessários para a instituição dos cursos. (MEC, 2018).

E por fim, a UAB, que passa a se realizar a partir o convênio com as universidades públicas, através de editais de incentivo para a institucionalização e/ou criação de cursos por certo período, que será determinado pelas normas do edital que a IES estiver concorrendo, sendo de sua responsabilidade organizar toda estrutura, enquanto o MEC ficará responsável pela administração e fiscalização dos recursos.

Estas duas iniciativas trouxeram grandes mudanças no cenário educacional brasileiro, pois colocam o ensino híbrido e a EaD, nos espaços educacionais públicos, aumentando a oferta de cursos e vagas nessas instituições, sendo uma das alternativas para alcançar a meta de até 2020 com 33% dos brasileiros matriculados no ensino superior (TEIXEIRA, 2016, p. 170).

### 5. 3 A BIMODALIDADE COMO OPÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

A Bimodalidade da educação é umas das formas de buscar um ensino público, gratuito e de qualidade, por trazer novas metodologias nos espaços educativos e para o educando, que além de se desenvolver suas habilidades, com o suporte tecnológico, terá a autonomia para trabalhar os conteúdos em casa, e caso tenha dúvidas poderá tirá-las quando tiver realizando as atividades com os colegas.

E o que se observa “é a necessidade de criação de uma nova pedagogia baseada na partilha, na exposição das perspectivas individuais entre os pares e entre os grupos” Silva (2016, p. 6), trazendo a liberdade para se criar, inovar, compartilhar, e questionar, pois as mudanças não ocorrem sem a base do processo educacional, e que só é construído dia-a-dia nos chãos das salas de aula e nos fóruns dos AVA, pois hoje enxergamos que convergindo a distância com o presencial, o educando passa a participar de todo o processo em qualquer lugar e circunstância.

“A educação passa a ser inserida nas inúmeras possibilidades entre a articulação tecnológica, que promove a interatividade” (ROTHSTEIN; SANTOS, 2017, p.10), entretanto, a tecnologia em si, não resolve nada, se não houver alguém que realize a mediação e planejamento do ensino, por não ser possível haver uma substituição do recurso humano para o tecnológico, havendo uma comunicação

entre os dois, que só traz benefício para as escolas públicas, por ser uma forma de estimulação da participação de todos os sujeitos envolvidos.

Quando os recursos humanos e tecnológicos estão bem alinhados, ver uma maior possibilidade de aguçar a curiosidade do aluno, através de novos métodos de exposição de conteúdos (JÚNIOR; CASTILHO, 2016, p. 3), e dando abertura para modificações e opiniões, nos planos de ensino e no decorrer das aulas

Analisando que a estratégia consiste em colocar o foco no processo de aprendizagem do aluno e não mais na transmissão de informação que o professor tradicionalmente realiza (OLIVEIRA, 2017, p. 2), trazendo um novo aspecto na interação entre esses dois autores.

E a participação é essencial neste processo, pela questão que o “educando será responsável pela sua formação, aprendizagem, reflexão e crítica tanto em sala de aula quanto na sociedade” (CRUZ; ARXER; BIZELLI, 2016, p. 7), elevando o seu nível como cidadão e sujeito ativo nos espaços que frequenta.

Isso torna o desafio de pensar complexamente, podendo aparecer em qualquer ambiente (SCHERER, 2016, p. 208), como escola, casa, laboratórios ou outros espaços formativos, o híbrido permite que aprendizagem, seja levada para todos os locais, graças às tecnologias digitais.

A complexidade envolve disposições e circunstâncias que nem sempre serão alcançadas com facilidade, dependendo da dedicação e comprometimento de todos, para que o complexo, seja enxergado como deste processo de ensino, e que sua ausência, poderá causar a monotonia, e busca por soluções tradicionalistas no campo educacional (SCHERER, 2016, p. 212).

Há desafios e dificuldades, pois existe a resistência de professores e alunos, que nem sempre se sentem motivados para querer inovar e pensar complexamente nas suas práticas de ensino e estudos (SILVA, 2018, p. 158), que devem ser resolvidas com calma, pois as rupturas de um ensino tradicional, é árdua e requer motivação para buscar o novo, saindo, assim, da zona de conforto.

Este processo de inovar, e buscar um ensino de qualidade, necessitam de aporte tecnológico, sendo uma forma de interação entre os sujeitos, e realizar pesquisas em diversas fontes científicas e as TD trazem para espaço escolar uma nova perspectiva educacional, por possibilitar a conectividade entre educador-educando.

O estudo de tecnologias digitais envolvendo o ensino aprendizagem, não é

algo recente no campo educacional, sendo preciso o debate em todas as instâncias (BACICH, 2016, p. 679), problematizando até onde podemos ser contar com as tecnologias, no processo de ensino e aprendizagem de nossas salas de aula ou AVA, evitando que haja uma dependência destas ferramentas, o que prejudicaria o desenrolar das aulas presenciais e a distância.

É preciso se decidir quanto à escolha e uso das TD na prática pedagógica, identificando os pressupostos epistemológicos implícitos no desenvolvimento dos projetos e softwares (SCHLEMMER, 2016, p. 113), não se pode acreditar que as TIC irão resolver os problemas educacionais por conta própria, é preciso haver uma mediação humana, que será a responsável por pensar em como será estrutura a relação sujeito-tecnologia.

Recentes mudanças de paradigmas ocorreram em função das tecnologias na educação Silva (2016), que começam na sociedade, e chegam na escola, de forma tardia, o que acarreta numa divergência, pois o educando se acaba se deparando com uma realidade diferente daquela que está acostumado em casa, e numa educação bimodal, é preciso que o mesmo sinta-se confortável e motivado a realizar suas atividades no ambiente escolar.

E as mudanças nas relações sociais, chegam na educação e tem como principal influência as tecnologias (TEIXEIRA, 2016, p. 167), todavia a supervalorização dessas ferramentas, pode levar a perda de identidade da função de docência, caso este profissional não tenha a devida formação e preparo para mediação, em suas aulas.

As tecnologias e suas ferramentas, são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, e indispensáveis na educação bimodal, e trazem enormes benefícios, quando usadas corretamente pelos envolvidos.

O avanço das novas tecnologias (CRUZ; ARXER; BIZELLI, 2016, p. 2), traz um cenário onde a formação adequada de um determinado ator é fundamental, que é o profissional da educação, que pode ser entendido, como o coordenador, tutor e educador, pois estão estarão em contatos com os educandos presencialmente e a distância, e precisam saber lidar com a tamanha diversidade encontradas nos cursos, e com as diversas atualizações e modificações que ocorrem com as tecnologias.

Os profissionais da educação precisam ter um olhar preciso sobre as informações referentes às TIC (CRUZ; ARXER; BIZELLI, 2016, p. 2), estando aptos

a realizar a mediação entre os sujeitos, sendo a peça que une o abstrato com o tecnológico, de forma pedagógica e didática, e também criativa e motivadora.

Saliento que o “profissional da educação, o educador, continua e sempre será o elo entre o educando e o conhecimento.” (CRUZ; ARXER; BIZELLI, 2016, p. 3), não por ele ser o “detentor” do conteúdo, mas por está na posição de colaborador e mediador do conteúdo, usando as TD, com uma aliada, na transmissão e compartilhamento de saberes.

O “profissional da educação deve mirar na educação dialética e dialógica que a contemporaneidade requer, implementando uma prática reflexiva” (ALMEIDA, 2016, p. 45), para que haja a construção de um projeto pedagógico emancipador e de qualidade, no qual o educando saia, como sujeito ativo e autônomo, e que estará preparado para resolver os desafios do dia-a-dia e lidar com os demais sujeitos em sua volta.

Por isso deve-se utilizar as TD na educação numa visão crítica e humanística; (SCHLEMMER, 2016, p. 113), que coloca o educando no centro de todo processo, e antes de vê-lo como apenas um receptor, passar a enxergá-lo com mais um colaborador do processo de ensino-aprendizagem da educação bimodal, na escola pública brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondendo a questão norteadora deste trabalho: o que se estudou sobre a convergência bimodal, abrangendo a Educação a Distância e o Ensino Híbrido no contexto brasileiro? Percebemos que a maior parte das pesquisas se voltam para a questão da Educação Básica e Ensino Superior, tendo ênfase maior nos cursos de graduação, devido aos incentivos recebidos pelas IES do Sistema UAB.

Quando enxergamos as modalidades e Ensino Híbrido e a EaD, como uma forma no desenvolvimento da educação pública brasileira, e que proporcionam processo de ensino-aprendizagem de qualidade para os seus educandos, quando os investimentos destinados a sua manutenção, são aplicados da forma devida e correta.

Independente, se a realidade escolar trabalha na perspectiva bimodal, semipresencial, a distância, presencial, híbridas ou demais modalidades existentes, é necessário que haja o comprometimento de todos os envolvidos neste processo. Como também, é desejado que seja trabalhado se baseado na realidade dos sujeitos nela inserido, pois não podemos ter uma educação pública, gratuita e de qualidade, sem considerar as especificidades e heterogeneidade encontradas em nossas salas de aula.

Essa ascensão vem ocorrendo com grande suporte das modalidades híbridas e Ead, por chegarem em diferentes regiões do país e a realidade de muitos brasileiros, que não possuem condições, sejam elas de tempo e/ou financeiras, para se adequar ao contexto da modalidade presencial.

As TIC tornaram-se fundamentais nos espaços educacionais, como bibliotecas, laboratórios, escolas, repositórios online, o educando consegue ser um ator ativo, interventor e principalmente colaborador, auxiliando seus demais colegas, e opinando através de feedbacks, comentários, e apontamentos, nas atividades presenciais e nos fóruns.

Da interação partimos para a interiorização, que só foi possível graças ao avanços das tecnologias, e da chegada da internet, através da fibra óptica, wireless, e cabo, fazendo com que as IES, principalmente os Institutos Federais, fossem para

o interior, construindo campus e polos, para atender a demanda, que durante anos foi negligenciada.

Nessa sociedade híbrida, onde o digital e o tangível convergem, o educando poderá ter acesso ao conteúdo, entretanto, salienta-se que isso é possível apenas, quando trabalhamos com cada realidade da sua devida forma, e que os recursos desse trabalho, são executados em prol da qualidade do ensino, seja em termos de material, estrutura e equipe especializada.

Um dos fatores para a qualidade e autonomia na realidade Bimodal, está na participação ativa de seus atores, que neste trabalho, foram definidos como o educando, educador, tutor e o coordenador, abaixo serão apresentados seus respectivos papéis.

- a) Educando: Realizar as atividades e provas, participar dos fóruns de discussão e das aulas presenciais, busca informações nas mais diversas fontes confiáveis.
- b) Educador: Desenvolvimento de atividades, provas e materiais, organizar os conteúdos ministrados, criar as aulas que serão assistidas pelos educando, tudo pensando no perfil do seu espectador, para que o mesmo consiga desenvolver de maneira satisfatória.
- c) Tutor: Acompanhar o educando na sua jornada acadêmica, correção de atividades, tirar dúvidas quando necessário, auxiliar o educador quando for preciso.
- d) Coordenador: Organizar os processos pedagógicos e organizacionais do curso, acompanhar as atividades realizadas pelo tutor e educador, e saber a realidade dos seus educandos.

Saliento que este trabalho não terá um fim nele próprio, pois a pesquisa sobre a educação bimodal é contínua e necessita de uma constante problematização, por isso, a pretensão é de dar seguimento a esta pesquisa, através de publicações e num projeto de mestrado, voltado para tecnologia e educação.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Bruna de Fatima Nicolini. **Perspectivas Da Aprendizagem Ativa No Ensino Fundamental: Uma Revisão Sistemática**. 2016. 114 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.

ALMEIDA, Shirley I Patrícia Nogueira de Castro e. O papel do coordenador de curso como articulador do processo formativo na EAD. **Revista Multitexto**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 44-47, set. 2016. ISSN 2316-4484. Disponível em: <<http://www.ead.unimontes.br/multitexto/index.php/rmcead/article/view/173>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

ALVES, João Roberto Moreira. **A História da Educação a Distância no Brasil**. 2007. Disponível em: <[http://www.ipae.com.br/pub/pt/cme/cme\\_82/index.htm](http://www.ipae.com.br/pub/pt/cme/cme_82/index.htm)>. Acesso em: 11 set. 2018.

ANGELUCI, Alan Cesar Belo; CACAVALLLO, Marcello. Inovações no ensino híbrido: uma perspectiva a partir da teoria ator-rede. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 63-73, june 2017. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/113282>>. Acesso em: 22 apr. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v22i1p63-73>.

BACICH, Lilian. Ensino Híbrido: Proposta de formação de professores para uso integrado das tecnologias digitais nas ações de ensino e aprendizagem. **Congresso Brasileiro de Informática na Educação**, V., 2016, Uberlândia. Anais do XXII Workshop de Informática na Escola Uberlândia: WIE, 2016.

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo. Qualidade na educação superior a distância no Brasil: onde estamos, para onde vamos?. **Rev. EaD em Foco**. 2018; 8(1): e709, doi: <http://dx.doi.org/10.18264/eadf.v8i1.709>

BRASIL. **Decreto n. 9.057**, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Ministério da Educação: Brasília, 2017.

BRASIL. **Portaria de nº 1134** de 10 de outubro de 2016. Em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Ministério da Educação: Brasília, 2016.

CAMILLO, Cíntia Moralles. Blended learning: uma proposta para o ensino híbrido. **Ead & Tecnologias Digitais na Educação**, Dourados, v. 5, n. 7, p.64-74, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.30612/eadtde.v5i7.6660>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo; MENDONÇA, José Ricardo Costa de; BARBOSA, Milka Alves Correia. **A influência das condições institucionais no desenvolvimento de competências eletrônicas dos professores para o ensino na EAD: proposição de um modelo analítico**. Avaliação (Campinas), Sorocaba, v. 22, n. 2, p. 469-493, ago. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772017000200469&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772017000200469&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 23 abr. 2018.

CEAD/UFU. **Mudanças com novo Decreto EAD**. Disponível em: <http://www.cead.ufu.br/noticia/2017/05/mudan%C3%A7as-na-educa%C3%A7%C3%A3o-dist%C3%A2ncia> . acessado em 3/02/2018.

COSTA, Fernando Albuquerque. **Repensar as TIC na Educação: o professor como agente transformador**. Portugal: Santillana, 2012

CRUZ, José Anderson Santos; ARXER, Eliana Alves e BIZELLI, José Luís. Ensino Híbrido e as TIC no Ensino Superior. **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016.

FRANCISCO, Cicero Nestor Pinheiro; OLIVEIRA, Robson Santos de. Práticas pedagógicas digitais: o Facebook e a sala de aula invertida na formação dos alunos do ProfLetras. **Odisseia**, Natal, v. 1, n. 2, p.48-61, jul. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/9901/7206>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

FORMIGA, Girlene Marques et al. O cenário de EAD institucionalizada: uma análise do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal da Paraíba. Revista **Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, [S.l.], n. 36, p. 132-140, set. 2017. ISSN 2447-9187. Disponível em: <<http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/1632>>. Acesso em: 30 Abr. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.18265/1517-03062015v1n36p132-140>.

FERREIRA, K.D.A. **Recursos Educacionais Abertos (Rea) Contribuições Para A Formação De Professores**. Trabalho de Conclusão de curso (TCC), UFPR, Setor de Educação, 2016.

JÚNIOR, Emílio Rodrigues e CASTILHO, Nilce Modesto de Camargo. Uma Experiência Em Ação: Aprofundando Conceito E Inovando A Prática Pedagógica Através Do Ensino Híbrido. **SIED:EnPED - Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância**, 3., 2016, São Carlos. Anais do congresso São Carlos: SIED:EnPED. 2016.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Rio de Janeiro: EPU, 1986.

MENEZES, Cassio Roberto Conceição; NUNES, Andrea Karla Ferreira; CHAGAS, Sylvia Oliveira. Modelos Educacionais E Instituições De Ensino: Uma Perspectiva Da Ead Em Sergipe. **Encontro Internacional de Formação de Professores, 9., e o Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional, 10.,** 2016, Sergipe. Anais do GT5 - Educação, Comunicação e Tecnologias. Uberlândia: 9º ENFOPE/10 FOPIE, 2016. 9 v.

OLIVEIRA, Carla Cristina Braz. Ensino Híbrido No Ensino Médico: Um Relato De Práticas Pedagógicas Do Curso De Medicina – Ufpe/Caruaru . **CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS EDUCATIVAS, I.,** 2017. Campina Grande. Anais COPRECIS Campina Grande. 2017.

PIMENTA, Alexandre Marinho. A EaD como renovação do mercado educacional brasileiro do nível superior. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 3, n. 2, p. 308-321, jul. 2017. ISSN 2446-9424. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650606>>. Acesso em: 30 abr. 2018. doi:<https://doi.org/10.22348/riesup.v3i2.7762>.

ROTHSTEIN, June Maria Emeline Mesquita do Barreiro; SANTOS, Maria da Glória Gonçalves. **ENSINO HÍBRIDO:** Enlace de Experiências Pedagógicas em Metodologias Ativas. Olhares: Salvador, v. 1, n. 7, p.7-19, fev. 2017. Anual. Disponível em: <<http://revistas.unijorge.edu.br/Portal/index.php/Olhares/article/view/42/114>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

SCHERER, Suely. Complexidade, Educação Bimodal e Educação Matemática: um Diálogo Inicial. **Perspectivas da Educação Matemática**, Campo Grande, v. 9, n. 19, p.204-216, 2016. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufms.br/ojs/index.php/pedmat/article/view/2045/1288>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

SCHIEHL, Edson Pedro; KEMCZINSKI, Avanilde; GASPARINI, Isabela. As Perspectivas de Avaliar o Estudante no Ensino Híbrido. **Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p.1-10, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/79280/46206>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

SCHLEMMER, Eliane. Games e Gamificação: uma alternativa aos modelos de EaD. **RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 107-124, jun. 2016. ISSN 1390-3306. Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/ried/article/view/15731>>. Fecha de acceso: 20 abr. 2018 doi:<https://doi.org/10.5944/ried.19.2.15731>.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Vanessa Nunes. TEMPO DE NOVAS APRENDIZAGENS: NAVEGAR NO CIBERESPAÇO É PRECISO!. **SIED:EnPED - Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância**, 3., 2016, São Carlos. Anais do congresso São Carlos: SIED:EnPED. 2016.

SILVA, Edsom Rogério. O Ensino Híbrido no Contexto das Escolas Públicas Brasileiras: Contribuições e Desafios. **Porto das Letras**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 151 - 164, jan. 2018. ISSN 2448-0819. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4877>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

TEIXEIRA, Tatiani Fernandes. **SEMIPRESENCIAL**: uma modalidade de ensino superior transformadora e inclusiva. **Maiêutica - Cursos de Gestão**, Indaial, v. 4, n. 1, p.167-174, 2016. Anual. Disponível em: <[https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/GESTAO\\_EaD/article/view/1593/722](https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/GESTAO_EaD/article/view/1593/722)>. Acesso em: 24 mar. 2018.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI Joana Paulin **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.